

À espera de uma ausência

Gabrielle Forster

Me perdi nos teus caminhos de porta entreaberta e mão fechada, inalando tonto o secreto que escapava dos teus gestos teus, do que dissimulavas. O escondido era tua melhor verdade, por isso meus passos vadios nas linhas das tuas mãos crispadas, tateando além do teu corpo, dos teus afagos. Naquelas noites que sempre penso pertencerem a um verão eterno, eu te buscava sozinho, nos teus braços. Todas as horas que o relógio não marcou, aquelas em que eu me absorvia em *devir-você*, se concentraram ressentidas para badalar agora e sempre: a mesma hora aquela, a da tua partida. 4:24. A Hora de uma hora. Eu fumava, lendo na xícara de café que abandonasses sobre a mesa, ainda cheia, o desejo já partido e sem dono de juntar nossos fluídos, ondas de luz viva, num Um de dois que nunca fomos. E não mais seríamos. Era a tua ausência que se ausentava. Tua respiração, teu cheiro, ausências da ausência que era teu corpo ao meu lado. A fuga das tuas palavras vazias preenchendo meus versos. E agora? Rondaria a cama desfeita, o fantasma do fantasma que sempre fostes? Cartas rasgadas pisoteando meu chão. A mesma hora prolongando-se por dias iguais, inabitados por..

Você apareceu ontem e eu te vi escondendo no vestido preto a grande falta que te habita e que atinge a nós dois. O preto te cai bem, eu disse, eu sempre disse. E ela me passou a mão gelada na nuca e deixou surgir no rosto pálido aquele sorriso frágil, uma de suas máscaras mais encantadoras. Sinto vontade de abraçá-la, plantar uma flor naquele dentro que apodrecia. Fênix renascida. Ela sempre estava morrendo. Eu via o pó que o vento soprava pela casa quando ela vivia comigo, tinha o cheiro do seu perfume, que era de mar e de abismo. Eu me jogava mareado. Deixava a barba crescer, o cabelo crescer, o medo crescer. Crescíamos para lados diferentes, na mesma direção, na mesma solidão inconsolável, incomunicável, não apenas ela e eu, mas todos nós. Levantando poeira, pó de estrelas. Na passagem sendo como sonhos, acordando devagar na correria dos tempos para despertar num dia e deixar de vez o que não temos. Era a sua ausência, a sua morte diária no sangue ainda quente, o que me fascinava, o que me fazia compreender também a completude do meu nada porque parte da imensidão. Mas embora latinos éramos colonizados ocidentais e por trás de tudo estava o ego e o pecado e as correntes. Porque andava por ali tropeçando? como que amaldiçoada. Naquela noite, *bad trip*, com aquelas pessoas, parecendo personagem da canção de barzinho aquela “cercada de drogas e amigos inúteis”. Porque não podia suportar? saber

todos os dias que havia guerra e fome e miséria e dor e solidão e. Que havia tudo isso e ninguém mais se importava porque afinal estava nos filmes e chorar era só o efeito estético propiciado pela câmera. Todo o resto eram anônimos nas ruas, nas casas, nos hospitais. Porque teve infância, uma cama quente, um amor tão grande que se descontrolou e não cabia mais em si, e foi virando farpa grudada na própria carne, queimando a bruxa, que salvação era uma palavra morta e era preciso doer a mudança em si?

Uma vez olhos nos olhos. O eterno estava em todo o perecível. Laços infinitos nas redes invisíveis que tua ausência sempre me disse muito mais do que é encontro. Teus passos na casa bem além da tua e da minha partida ecoariam a vibração de uma canção densa de todos os toques e os silêncios nossos na risada do que sempre é. Você não vê que deve tentar mesmo que pareça sempre falso ou impossível? Tentar o dia toda vez que anoitecer por dentro para poder então caminhar na noite sem se perder. Não na noite essa que tu pintas as cores e absorves as fantasias mas talvez na mesma noite só que acendes a vela caminhando cega latejando o que escutas disso que é a tua única verdade tua única saída a porta entreaberta a ausência da passagem. A ausência e a passagem. O sonhar e o despertar.

Sinto a tua mão gelada na minha nuca, mas você só sorri de longe. Pensei em te dizer pra voltar pra casa só que o momento passando já passou. Na verdade eu nem sei mais se existe casa. Quanto a voltar, não é mais possível. Só me resta acreditar. Acreditar *claricianamente* chorando. No renascimento teu meu nosso. Grito de fênix.